Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Nordeste **Class.:** tapebas 63

Data: 20/04/92 **Pg.:**

Falta de refeição marca o Dia do Índio nos Tapebas

190

Foto: Kiko Silva

Fome e miséria estão no dia-a-dia dos índios Tapebas

Nenhuma festa ou qualquer outro tipo de comemoração aconteceu. Aliás, toda a manhã foi de ansiedade para muitas famílias para saber qual seria a primeira refeição do dia. Foi assim que dezenas de Tapebas, comunidade indígena espalhada em vários pontos do município de Caucaia, viveram o Dia do Índio celebrado ontem. Os homens normalmente saíram para locais de grande movimentação com a finalidade de vender produtos da pesca e algumas mulheres ficaram em casa, cuidando dos afazeres domésticos ou produzindo artigos de artesanato.

O índio Gonçalves Pereira, 44 anos, pai de cinco filhos, foi um dos que logo cedo saiu em busca de dinheiro para garantir pelo menos o almoço para a sua família. A exemplo de muitos outros de sua comunidade, ele vende caranguejos nos acostamentos da BR-222, nas áreas próximas ao quilômetro dois. Contudo, a sorte não quis lhe dar um presente pela data, pois até próximo ao final da manhã ainda não havia conseguido vender o produto.

Ele acha que a desconfiança na compra é em decorrência do temor que está atingindo a todos em torno da cólera. "A gente leva uma vida de muita necessidade. São poucas as pessoas que aparecem para nos ajudar e a única coisa que se pode fazer é continuar pescando e trabalhando", disse. Nenhum de seus filhos estuda, mas ele quer uma vida diferente para eles. O mais velho, por exemplo, é hoje funcionário da Prefeitura de Caucaia.

ORGULHO

Raimunda Rodrigues Teixeira, 47 anos, mulher do líder dos Tapebas, Francisco Alves Teixeira - mais conhecido por "Alberto" - explica que a data não passou em branco. Apenas as comemorações foram adiadas para o final do mês, quando o líder já terá retornado de Brasília, onde deverá participar de um encontro com outros representantes indígenas e autoridades em torno de um novo estatuto do Índio.

As celebrações, segundo Raimunda, serão bastante diversificadas e ainda não há uma programação definida. Contudo, deverá constar da apresentação da dança do Torem, exposição de artigos de artesanato, remédios caseiros e de mudas de plantas para a venda ao público. "A gente quer ter um motivo a mais para comemorar e esse pode ser o que ficar acertado a favor do índio após a viagem a Brasília", afirmou.

Apesar de morar num casebre e de faltar quase tudo em termos de móveis e até alimentação, Raimunda acha que não é pela pobreza que vai deixar de ter orgulho por ser índia. Ela diz que essa carência como é entendida pelo "brancos" é suprida extraordinariamente pela resistência da raça. Cita como exemplo o fato de as crianças serem sadias e sempre alegres.

"Hoje a nossa principal luta é para reaver parte das terras que nos foram tiradas pelos 'brancos'. Se a gente [illegible] essa necessidade é porque não temos [illegible] de plantar", conta. Atualmente, a principal fonte de renda da comunidade é tirada dos mangues e do rio, onde se captura e pesca caranguejo, peixe, camarão, siri e outros. Com o período de chuvas, até mesmo essas atividades ficam prejudicadas.

PANELA VAZIA

Teresa Teixeira de Matos, conhecida por Mocinha, com um filho, é a outra mulher do líder "Alberto". São quase vizinhas e somente não coexistem pacificamente pelo temperamento de ambas e não porque dividem o marido. Mocinha reconhece que está mais alheia às atividades políticas da tribo e se dedica mais a confecção de artigos de artesanato, formados sobretudo por colares de sementes e produtos de decoração de casa à base de palha e corda.

Ela disse que não havia muito o que comemorar por ser ontem o Dia do Índio. Afinal, nem mesmo sabia o que haveria de comer, porque "Alberto" somente era esperado para depois do meio-dia. Ela tem encontrado dificuldades para vender o seu artesanato e vai aguardar para o final do mês, quando houver de fato as festas que estão sendo previstas.

Em boa parte das pessoas da comunidade, os traços físicos dos indígenas estão absolvidos por outras raças por conta da mistura que acontece ao longos dos anos. A própria filha do líder, Isa Teixeira, de 26 anos, foi uma das que mais recentemente preferiu se casar com alguém fora da tribo. Ela escolheu um agricultor de Pentecoste, numa união às escondidas quando tinha apenas 15 anos. Hoje, ela e o marido têm cinco filhos.